

**Lacan héritier de Freud? Quelques réflexions sur la perversion chez Freud et Lacan**  
*Lacan, herdeiro de Freud? Algumas reflexões sobre a perversão em Freud e Lacan*

*Autor: Philippe Van Haute<sup>1</sup>*

*Tradução: Claudia Murta<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Professor na Radboud University Nijmegen (Holanda) e na Universidade de Pretória (África do Sul)  
Frederik Lintsstraat 180, 3000 Leuven, Belgique, p.vanhaute@ftr.ru.nl, 003216292561

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e-mail: cmurta@terra.com.br

**Resumo:** A primeira edição dos ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’ de Freud (1905) contém uma teoria da perversão e da sexualidade que é em grande parte uma oposição à ideia de uma ‘estrutura perversa’. Essa ideia parece reintroduzir uma referência a uma ‘identidade’ nosológica essencial e claramente distinta de outras identidades. Mostramos como a ideia de uma estrutura perversa é problemática do ponto de vista para o pato-analítico desenvolvido por Freud na primeira versão dos “Três ensaios”. De repente se tornará claro que o pensamento lacaniano sobre as perversões não pode ser compreendido fora de uma referência constitutiva à história da psiquiatria francesa e mais particularmente ao trabalho de Ernest Dupré.

**Palavras-chave:** perversão, psicopatia, sexualidade, prazer, lei, desejo, mal, estrutura, identidade.

**Abstract :** The first edition of Freud’s «Three Essays on the Theory of Sexuality» contains a the theory of perversion and of sexuality that contradicts the idea of a ‘perverse structure’. Indeed, the idea of a ‘pervers structure’ tends to reintroduce a reference to a nosological entity (‘identity’) that is essentially different from other identities. We show that this idea contradicts the patho-analytic perspective that Freud develops in the first edition of the «Three Essays». In this way it becomes clear that the lacanian theory of perversion can only be understood from the perspective of French psychiatric history and more particularly the work of Ernest Dupré.

## 1. Introdução

A Psicanálise é muitas vezes criticada por seu caráter “normalizador” e “conservador”. Um número de feministas, assim como os defensores da “teoria queer” denunciam o que chamam o caráter “hétero-normativo” da metapsicologia psicanalítica<sup>3</sup>. A problemática das perversões sexuais desempenha um papel crucial nestes debates. Freud foi o primeiro a registrar as perversões na agenda psicanalítica, no contexto da sua pesquisa sobre a histeria. Desde então, cada teórico psicanalítico que se respeita sentiu-se obrigado a focar os ‘problemas’ que evocam estas “patologias”. Mas é correto falar aqui sobre “patologias”? E é realmente uma determinada categoria de indivíduos que pode ser diagnosticada como tal? Este problema levanta uma série de perguntas sobre a essência da sexualidade e sua relação com a lei e as perversões. Porque se a sexualidade desempenha um papel central no pensamento psicanalítico, a metapsicologia das perversões é, de alguma forma, o calcanhar de Aquiles.

É obviamente impossível discutir esse tópico em detalhes em um único artigo. Por outro lado, eu gostaria de mostrar aqui como e por que a primeira edição dos *Três ensaios sobre a sexualidade* de Freud<sup>4</sup> contém um paradigma das perversões sexuais que difere fundamentalmente da teoria psicanalítica ortodoxa sobre o mesmo assunto. Em seguida, eu confrontarei esse modelo com a ideia de uma estrutura perversa, que é muito popular no

---

<sup>3</sup> Tort 2005; Dean & Lane, 2001

<sup>4</sup> Freud, 1905

mundo lacaniano<sup>5</sup>. Uma ideia que parece opor-se em todos os pontos às teses defendidas por Freud em 1905. De repente, este confronto pode ser capaz de esclarecer-nos sobre o conservadorismo aparente de alguns psicanalistas lacanianos no campo da ética sexual – como, por exemplo, os debates sobre casamento para todos e a adoção de casais do mesmo sexo na França e noutros países<sup>6</sup>. Além disso, o estudo da oposição entre Freud e Lacan sobre perversões nos permitirão contextualizar uma série de debates antropológicos e psicanalíticos cruciais sobre a sexualidade e a lei.

## 2. A perversão na primeira edição dos *Três ensaios* (1905)

Os *Três ensaios*, que Freud publicou pela primeira vez em 1905, inicia-se com uma longa análise de várias perversões descritas por Krafft-Ebing, em sua *Psychopathia Sexualis* (fetichismo, sadomasoquismo, voyeurismo e exibicionismo, homossexualidade). Krafft-Ebing estabelece uma distinção clara entre o que ele chama as “perversidades” por um lado e “perversão” do outro<sup>7</sup>. Segundo ele, a perversidade refere-se a comportamentos “anormais” de uma pessoa ‘normal’ e livre que pretende assim aumentar o seu prazer. Esses comportamentos estão sujeitos a decisões éticas e legais. A perversão, que é uma doença relacionada com a personalidade e é preciso diagnosticá-la nesse nível, refere-se à identidade do sujeito ou, como bem disse Ian Hacking, a uma “*possibility of personhood*” que é expressa em comportamentos e sintomas que ela explica<sup>8</sup>. Como a maioria de seus contemporâneos, Krafft-Ebing concebe as diferentes perversões a partir de uma ideia da sexualidade que se reduz a uma função reprodutiva. Portanto, qualquer sexualidade que não respeite esse recurso será desde então qualificada como perversa. Essa definição, de fato, lhe permite reagrupar toda uma série de comportamentos e fantasias fenomenologicamente muito diversos sob uma única categoria: perversão<sup>9</sup>.

Essa classificação serve como ponto de partida para o texto freudiano de 1905. Mas antes de comentar esse texto, é importante salientar – na verdade, não seria muito insistir – que o texto de 1905 difere, em seus itens cruciais, de suas versões posteriores. Esta primeira versão só existe em alemão e praticamente não se encontra hoje. Seu tamanho corresponde a um pouco mais da metade do texto final de 1924. Freud não mencionou lá ainda o complexo de Édipo

---

<sup>5</sup> Verhaeghe 2001, 77

<sup>6</sup> Roudinesco 2002

<sup>7</sup> Krafft-Ebing 1886, 68

<sup>8</sup> Hacking 2004, 107

<sup>9</sup> Davidson, 2001

ou o complexo de castração. A perspectiva desenvolvimentista e da teoria de fases também estão (quase) inteiramente ausentes, tanto quanto uma teoria realmente elaborada da pulsão<sup>10</sup>. Saber que existem versões diferentes dos *Três Ensaio*s – pois, evidentemente, todos nós sabemos – não significa que as levamos em conta. É assim, por exemplo, que em seu belo livro sobre perversão, Lanteri-Laura integra de modo sistemático o ponto de vista desenvolvimentista (assim como a referência ao Édipo) em sua leitura dos *Três ensaios* designado de forma sistemática como ‘o texto de 1905’, isto enquanto ele comenta sobre o de 1924 (Lanteri-Laura, 2012, 75-123).

Eu comento apenas o texto original de 1905, porque ele contém avanços interessantes que nos permitem repensar, de maneira psicanalítica, a questão das perversões tal como encontrada em Freud e Lacan. Freud apoia sua reflexão inicial sobre as quatro grandes perversões mencionadas por Krafft-Ebing. Deixa de lado a questão da perversidade e, portanto, qualquer referência à dimensão jurídica do problema e à ética. Além disso, e ao contrário de Krafft-Ebing, ele apenas tematiza as perversões pressupondo a existência de uma função sexual atrelada à reprodução –, que ele descreveu, desde o início, como fábula poética<sup>11</sup>. Mas traz à tona para discussão da sexualidade humana a partir do que é considerado como “aberrante” nela e em particular nas perversões diversas. Segundo ele, na verdade, essas últimas nos informam sobre os elementos constitutivos da sexualidade em cada um de nós<sup>12</sup>. A sexualidade é aqui acima de tudo a sexualidade infantil da qual Freud descobre os efeitos duráveis e decisivos. Uma sexualidade que é construída a partir de zonas erógenas e das pulsões parciais que encontram as suas origens e que correspondem, pelo menos em princípio, às diferentes perversões como nós as conhecemos. As pretensas “perversões” seriam, portanto, ampliações de diferentes pulsões parciais, pulsões que são apenas guiadas pela busca por prazer e inicialmente não têm objeto. Deve-se entender aqui esta última ideia de forma radical. A sexualidade infantil não visa jamais – Freud não deixa sombra de dúvida quanto a isso (estamos em 1905 e não em 1915) – um objeto como tal. O objeto apenas desempenha um papel enquanto pode estimular uma zona erógena. A sexualidade infantil é autoerótica num sentido radical. Seu paradigma não é tanto a criança sugando o seio da mãe, mas os lábios beijando um e outro<sup>13</sup>.

Freud vai bem longe aqui, pois não somente ele identifica a sexualidade à busca de prazeres

---

<sup>10</sup> Van Haute & Westerink 2015, 9-56

<sup>11</sup> Freud 1905, 59; 1905d, 68

<sup>12</sup> É por isso que os *Trois Essais* contêm uma *pato-análise* da sexualidade e da existência humana. São as diferentes psicopatologias que nos informam sobre as estruturas fundamentais da existência humana.

<sup>13</sup> Freud 1905, 87; 1905d, 117

não-funcionais ao nível das diferentes zonas erógenas, mas ele questionou também, pelo menos implicitamente, qualquer hierarquia entre essas diferentes zonas. É assim, por exemplo, que ele aceita a crítica que o faz Rudolf Reitler sobre uma passagem da edição de 1905, onde ele afirma que a masturbação infantil prepara a zona genital para a tarefa futura que ela deve cumprir em conformidade com os alvos que impõe a natureza (“*Die Absicht der Natur*”)<sup>14</sup>. Freud reconheceu imediatamente que esta formulação introduz um elemento teleológico que não pode justificar a partir de seus próprios argumentos. A passagem será reescrita desde a edição de 1915 (Freud 1905d, 123).

Freud aborda o problema da escolha de objeto da sexualidade na terceira parte do texto sobre puberdade (Freud 1905, 99; 1905d, 145). Primeiro, distinguiu dois tipos de prazer: o prazer preliminar e o prazer final (orgasmo). O último – a capacidade de orgasmo – é resolvido apenas no início da puberdade e vai lado a lado com a instalação do primado da zona genital. Freud aqui parece fazer inversão de marcha, vinculando o prazer genital ao objeto heterossexual. Com efeito – escreve provavelmente sem perceber que contradiz então o que está indicado nos dois capítulos anteriores – no início da puberdade, a pulsão está procurando por um objeto do sexo oposto para atingir a finalidade da procriação que lhe pertence por natureza<sup>15</sup>. No entanto nada anunciava esse giro hétero-normativo, porque, na verdade, do ponto de vista do prazer, um objeto homossexual pode igualmente fazer as vezes de um objeto heterossexual. Freud recaiu em um *a priori* ético e moral de seu tempo, que ele havia primeiro desconstruído<sup>16</sup>.

Mas não é a consistência do pensamento freudiano que me preocupa aqui. Nos dois primeiros capítulos de seu livro, Freud descreve uma nova teoria da perversão em oposição ao pensamento psiquiátrico tradicional. Pode-se resumir esta teoria da seguinte maneira: a sexualidade (impulsos sexuais) é inicialmente autoerótica e está apenas buscando o prazer. Além disso, existe uma hierarquia “natural” entre as diferentes zonas erógenas. Finalmente, pulsões sexuais diferentes, que se manifestam tão amplamente nas diferentes perversões, constituem uma disposição que caracteriza a sexualidade infantil como tal. Esta última é perverso polimorfa. Se as perversões nos ensinam sobre a estrutura mesma da sexualidade humana, torna-se impossível tratá-las como identidades separadas, ao lado de outras identidades. A perversão não pode mais ser uma “*possibility of personhood*”, como era, por exemplo, em Krafft-Ebing. Além disso, a referência ao prazer, em vez do objeto para

---

<sup>14</sup> Freud 1905, 90

<sup>15</sup> Freud 1905, 99; 1905d, 145-146

<sup>16</sup> Davidson 2005, 169-171

caracterizar a sexualidade torna fundamentalmente problemática a hétero-normatividade, que estava no cerne do pensamento de muitos sexólogos do fim do século XIX. De fato, um prazer vale bem um outro...<sup>17</sup>. E se levarmos essa ideia ao pé da letra, existe norma apenas estatística!

Em edições posteriores do texto – e especialmente na edição de 1915 – Freud coloca mais ênfase em uma abordagem desenvolvimentista para a problemática das perversões. Esta abordagem anda de mãos dadas com a introdução gradual do complexo de Édipo em seu pensamento. Com efeito, durante o período que se estende de 1905 a 1915, ele psicologiza mais e mais a tragédia de Édipo<sup>18</sup>. E o desenvolvimento da criança é interpretado mais como uma relação intrínseca à história das relações com os pais. É essa história que decide a identidade psicológica e a integração das pulsões parciais sob a primazia dos órgãos genitais. As pulsões parciais são assim localizadas em um cronograma teleológico, no qual o Édipo desempenha um papel crucial e que todas as crianças devem em princípio percorrer<sup>19</sup>. Esta teleologia na teoria permite a cada indivíduo assumir uma posição subjetiva de acordo com seu sexo. Desse modo, as várias perversões são interpretadas como transtornos globais do desenvolvimento<sup>20</sup>. Freud claramente tende a reintroduzir aqui o pensamento hétero-normativo, que ele tinha desconstruído em 1905. O que ele chamava então de “fábula poética” – heterossexualidade dada pela natureza – bem pode tornar-se o resultado obrigatório do desenvolvimento psíquico da criança<sup>21</sup>.

### 3. A perversão em posteriores edições dos *Três ensaios*

Não temos o lugar adequado para oferecer um comentário pormenorizado dos textos freudianos que tratam da perversão depois de 1924. Portanto, vou limitar-me aos artigos sobre fetichismo, que teve uma influência decisiva sobre o pensamento de Lacan<sup>22</sup>. Freud vincula o problema da perversão – e particularmente do fetichismo – com o encontro traumático com a castração da mãe (diferença sexual). A criança se defende contra esta experiência traumática denegando-a, o que depois dá origem a uma clivagem do eu. Com efeito, o fetichista faz

---

<sup>17</sup> Davidson 2005, 303-325

<sup>18</sup> Roudinesco 2014, *passim*

<sup>19</sup> Nos *Três ensaios*, o complexo de Édipo só é mencionado duas vezes em notas. Essas notas foram introduzidas na edição de 1920. Mas Freud une de modo explícito sua teoria dos estados psicosexuais ao complexo de Édipo em seu texto sobre a organização genital infantil (Freud 1923e), que ele apresenta explicitamente como um complemento aos *Três ensaios*.

<sup>20</sup> Lantéri-Laura 2012, 75-123

<sup>21</sup> Van Haute, 2002

<sup>22</sup> Freud 1927e; Freud 1940e

coexistir duas posições irreconciliáveis: a denegação e o reconhecimento da castração feminina<sup>23</sup>. A criação do fetiche implica uma denegação da falta de pênis na mulher cujo fetiche é o substituto. Mas esta negação anda de mãos dadas com o reconhecimento da castração. O último fato provoca um efeito de angústia que motivou a criação do fetiche. Freud também mostra que a escolha do fetiche muitas vezes testemunha esta divisão. O fetiche encarna os dois aspectos mencionados ou a atitude do paciente para o fetiche oscila entre a hostilidade (reconhecimento) e a ternura (denegação)<sup>24</sup>. Mesmo que Freud aceite, nos textos que comentamos aqui, que a clivagem do eu possa produzir-se de modo diferente do fetiche (e da perversão), parece que está, antes de tudo, à procura de um mecanismo específico que poderia bem determinar a identidade específica do sujeito fetichista (e mais geralmente perverso).

Nesta nova teoria do fetichismo e perversão, a sexualidade não é mais compreendida exclusivamente, como foi o caso na primeira edição dos *Três ensaios*, em termos de prazeres corporais não-funcionais. Esses prazeres são, pelo contrário, novamente sujeitos a uma norma heterossexual que determina o significado e valor. Muito mais acentuada do que no texto de 1905, a sexualidade é aqui entendida a partir de experiências traumáticas e da angústia que elas provocam no sujeito que deve se defender.

As diferentes definições que Freud foi capaz de dar em seus textos sobre a perversão ilustram bem a importância da problemática que nos interessa aqui, porque a fixação desempenha um papel crucial na análise freudiana da perversão. Na edição dos *Três ensaios* de 1905, a fixação é explicada por um excedente de prazer. A sexualidade resta, por exemplo, fixada em uma zona erógena ou em uma pulsão parcial, porque esta última foi a fonte de um prazer inesquecível durante a infância. Em textos posteriores, a fixação perversa não pode ser entendida fora de uma referência ao trauma e à angústia (da castração). De repente, ela recebeu uma significação defensiva que não havia nos *Três ensaios*. Essa evolução se explica pelo fato de que, nos últimos textos de Freud, as perversões são interpretadas a partir de um paradigma que difere em aspectos importantes daquele que ainda defendeu em 1905.<sup>25</sup>

Em seguida, Freud inclui as perversões como propriamente sexuais e independentes de qualquer psicologia do mal. Além disso, ele rompe, pelo menos nos *Três ensaios*, com o “estilo de raciocínio psiquiátrico”<sup>26</sup> que pretende fazer da perversão uma categoria identitária

---

<sup>23</sup> Freud 1927e

<sup>24</sup> Freud 1927e, 130-131

<sup>25</sup> É evidente que deveria desenvolver mais em detalhe essas teses e discutir de maneira mais aprofundada os textos sobre os quais eu me apoio aqui. O lugar nos falta aqui para procedermos a uma tal análise.

<sup>26</sup> Davidson 2005, 25-75

essencial. Mas a introdução do Édipo neutraliza em grande medida as consequências (potencialmente) radicais dessa teoria. As perversões sexuais são o resultado de uma história perdida, mais especificamente, de uma integração insuficiente das pulsões parciais sob a primazia dos órgãos genitais, que é suposto para ser essencialmente heterossexual. A teoria do fetichismo só complica esse modelo. As perversões tornam-se assim, mais uma vez, identidades específicas tais como eram na psiquiatria e sexologia clássica.

#### 4. A estrutura perversa

A ideia de uma estrutura perversa originou-se no pensamento de Lacan sobre a ‘lógica’ que governa as perversões. Essas reflexões não se apoiam tanto nos *Três ensaios* de Freud, mas em seus textos sobre o fetichismo, que mencionamos. Lacan generaliza não só a ideia de uma denegação da castração da mãe para todas as perversões, mas ele reinterpreta de acordo com sua própria lei de castração, que é principalmente a lei do pai e da linguagem. A perversão é agora concebida não como uma maneira um pouco estranha para procurar prazer (e que todos somos capazes), mas como um meio para se referir à (ordem da) lei. Trata-se aqui, de fato, de diferenciar (neurose, psicose, perversão) estruturas que, em princípio, são mutuamente exclusivas. Assim a perversão parece tornar-se uma espécie de identidade (“o perverso”) ou uma “*possibility of personhood*”<sup>27</sup>.

Mas não vamos rápido demais na tarefa, e vamos tentar primeiro articular as características mínimas da estrutura perversa. O fetichismo é o ponto de partida das reflexões lacanianas. Freud nos ensina que o fetiche é o substituto para o falo da mãe. E é bem isso que o sujeito perverso gostaria de ser: “o sujeito aqui é o instrumento do gozo do Outro”<sup>28</sup>. Assim, ele se defende contra seu papel como objeto fálico na primeira relação com a mãe. Ele segue, por assim dizer, ativamente o que ele temia inicialmente: ser o objeto do gozo do Outro. É assim que o masoquista quer ser ‘tudo’ para o Outro ou que o sujeito sádico mantém a fantasia de ser o Outro<sup>29</sup>. De fato, Lacan nos ensina que o sujeito sádico se iguala ao Outro [que ele percebe ser] sem falha e para quem um gozo sem limites está à mão. Que se pense nas possibilidades ilimitadas das quais podem desfrutar os personagens de Sade, que também podem dispor à vontade das vítimas indestrutíveis. O gozo ultrapassa assim todas as bordas. Mas a estrutura perversa não para por aí. De acordo com Lacan, o cenário perverso, com

---

<sup>27</sup> Dean, 2008

<sup>28</sup> Lacan 1966, 823

<sup>29</sup> Lacan 1966, 824

efeito, pretende, ao mesmo tempo, limitar esse gozo e introduzir uma lei. É assim, por exemplo, que o sujeito masoquista não só se faz o objeto do Outro, mas quer também – e talvez até principalmente – angustiar o Outro<sup>30</sup>. Ele quer levá-lo ao ponto onde este Outro será obrigado a colocar um limite. Angustiando o Outro, o sujeito masoquista chega a introduzir uma lei que diz ‘não’. O sujeito masoquista – mas o mesmo aplica-se *mutatis mutandis* para qualquer sujeito perverso – nega de um lado a lei do pai ou a da castração, para, ao mesmo tempo, instalá-la por meio da imposição de um limite na transgressão do gozo do Outro. O sujeito perverso não vive então sem lei, mas só pode aceitar a lei que ele mesmo controla. Isso significa que o Pai, como representante da lei, só pode ser assim uma figura risível, cuja autoridade é constantemente posta à prova e ridicularizada. Pensa-se novamente nos escritos de Sade que ensina a um Outro passivo (seus leitores) o que é o gozo e como ele difere dos prazeres tímidos dos quais se contenta o sujeito neurótico. Este último aceita que nem ele nem o Outro (o pai) sejam capazes de realizar o desejo da mãe. Assim, a questão central que ele (se) coloca é: eu sou capaz de responder às demandas? Eu estou à altura da minha tarefa? Estamos longe do universo de Sade que nos explica em detalhes o que é o verdadeiro gozo.

No contexto que nos interessa aqui, alguns autores lacanianos distinguem o que eles chamam de “traços perversos” (comportamentos e fantasias perversas que também podem aparecer nas estruturas neuróticas e psicóticas) e a estrutura perversa propriamente dita. Paul Verhaeghe escreveu, neste contexto (mas não é o único na matéria), que é muito difícil, a partir dos *Três ensaios*, separar a perversão dos traços perversos enquanto patologia<sup>31</sup>. Ele acrescenta que comportamentos ou fantasias perversas não são suficientes para diagnosticar a perversão patológica. Esta última concerne contrariamente a um tipo de relação com a lei que, de acordo com os autores, é identificada à lei da castração, à lei do Pai, ou ainda à lei da diferença sexual<sup>32</sup>. A perversão implica um questionamento ativo dessa lei que funda tanto a subjetividade como a sociedade humana. Essa problemática não se apresenta, portanto, exclusivamente na sexualidade. Nós não podemos diagnosticar a “verdadeira” perversão a partir do comportamento ou de experiências fantasmáticas (“traços perversos”). Ela é, muito pelo contrário, um conjunto de dados estruturais que caracteriza a subjetividade de uma certa categoria de pessoas, e que pode se expressar eventualmente (mas não necessariamente) em um comportamento sexual perverso. Trata-se, então, na verdade de uma identidade bem

---

<sup>30</sup> Lacan 2004, 207

<sup>31</sup> Verhaeghe 2004, 403

<sup>32</sup> Ver por exemplo, Dor 1987, Fink 1997, Miller 1996, Feher 2004, Lebrun 2007, Verhaeghe 2004; 2010; Swales 2012. Essas obras parecem testemunhar um modo de pensamento muito desenvolvido nos meios lacanianos contemporâneos. Não devemos deduzir que não existem outras leituras de Lacan possíveis. Ver sobre esse assunto por exemplo Dean 2000.

definida ou de um ‘perfil psicológico’ (“o perverso”) que é diferente essencialmente de outras identidades.

Pode-se notar aqui que, contra a sexologia clássica, essa ideia não faz referência a um funcionamento suposto ‘normal’ da função sexual. Lacan e os lacanianos efetivamente rejeitam a ideia de uma posição ou de uma estrutura ‘normal’ que existiria ao lado das estruturas patológicas. A teoria da estrutura perversa, portanto, não contradiria o projeto patho-analítico freudiano com o qual começamos nosso pensamento. Essa visão pode parecer à primeira vista pertinente: não se pode postular a existência de uma estrutura ‘normal’ que “coexistiria” com outras estruturas (neuróticas e psicóticas). Mas as coisas não são um pouco mais complicadas? Porque temos a impressão de que existe uma hierarquia pelo menos implícita entre as três estruturas em causa. Tratamos, de fato, os sujeitos perversos de “criminosos potenciais” aos quais não podemos acordar qualquer confiança<sup>33</sup>. Além disso, Fink escreveu sobre um paciente pervertido “que há pouquíssima esperança para que ele se torne neurótico” (Fink 1997, 186). Essa ideia só faz sentido se considerarmos que a neurose é mais desejável do que a perversão. Fink explica que há uma progressão da psicose quando nem a alienação nem a separação tiveram lugar. Esta última passa da perversão, que conhece apenas a alienação, à neurose onde ambos os processos foram bem feitos<sup>34</sup>. Essa impressão é reforçada pela tendência generalizada – tanto em situações clínicas quanto nas obras mais teóricas – que considera a posição neurótica como ‘normal’ em comparação com as outras duas. Como então entender expressões como ‘analista-neurótico’ ou ‘contexto normal-neurótico’<sup>35</sup>?

## 5. Uma ambiguidade insolúvel?

A sexologia clássica considerava a perversão como um perigo para a procriação e, portanto, para a sobrevivência da espécie humana. A ideia de uma estrutura perversa torna um perigo diferente e mais radical. O sujeito perverso de alguma forma ameaça a própria existência da sociedade humana. Na verdade, denega a lei da castração (o Pai ou a falta). Essa lei (que nos separa do primeiro Outro) está intrinsecamente ligada à proibição do incesto (o requisito de Exogamia) que fundou a sociedade humana e que, de acordo com Lacan, torna-a possível. Quer dizer que o sujeito perverso subverte ativamente a ordem da legalidade como tal

---

<sup>33</sup> Verhaeghe 2004, 429

<sup>34</sup> Fink 1997, 195

<sup>35</sup> Verhaeghe 2004, 418; 426

(Lebrun 2007).

Em tal perspectiva, a perversão não pode mais limitar-se unicamente à sexualidade e receber apenas uma conotação negativa. A estrutura perversa se expressa de fato sistematicamente fora da sexualidade propriamente dita. É assim, por exemplo, que se diz dos sujeitos perversos que minam todas as convenções sociais e que não são fundamentalmente dignos de confiança<sup>36</sup>. Feher fala de “estranha lógica que reina no mundo perverso”<sup>37</sup>. Então, nenhuma pessoa “sã de espírito” reivindicaria a perversão<sup>38</sup>. Outros autores escrevem que perversão se aproxima de psicopatia e que os sujeitos perversos são “potenciais criminosos”<sup>39,40</sup>. A maneira pela qual o sujeito perverso se relaciona com a lei, portanto, parece explicar a rejeição e a aversão<sup>41</sup> da qual ele é comumente o objeto.

Isso não impede que as perversões sexuais convencionais, tal como elas foram descritas por Krafft-Ebing, continuem a funcionar na literatura como paradigma da perversão. A lei que o perverso rejeita (a lei do pai, da castração...) está de fato essencialmente ligada à diferença sexual (e, portanto, à sexualidade). Isso introduz uma ambiguidade insolúvel: de um lado, o problema da perversão pode ser limitado às ‘aberrações sexuais’; por outro lado, estas últimas continuam a ser o paradigma preferido. As perversões sexuais convencionais participam assim da reputação duvidosa que acompanha a perversão e à qual Freud (mas também Krafft-Ebing) só queria pôr fim.

## 5. Conclusão: Retorno a Freud ou a Dupré?

Krafft-Ebing queria purificar o conceito de perversão de qualquer conotação moral (“o mal”) ou jurídica, isolando-o do que ele chamou de “perversidades”. Nos *Três ensaios*, Freud se baseia originalmente no conceito moralmente neutro de perversão e torna-o uma condição humana. Assim, a perversão não pode mais ser uma identidade à parte. Se todo mundo é “perverso”, ninguém pode sê-lo no sentido de uma identidade essencialmente diferente dos outros. De repente, a condenação moral que tradicionalmente pesa sobre as perversões torna-se altamente problemática, porque não há “natureza” ou a essência da sexualidade que possa fundar nossos julgamentos morais; Freud se mostra aqui claramente antiaristotélico<sup>42</sup>. Essa

---

<sup>36</sup> Verhaeghe 2004, 431; Swales 2012, xii

<sup>37</sup> Feher 2004, 205

<sup>38</sup> Feher 2004, 191

<sup>39</sup> Verhaeghe 2004, 406-407; 417 et *passim*

<sup>40</sup> Para uma análise com mais nuances, ver Willemsen & Verhaeghe 2010.

<sup>41</sup> Feher, 2004, 191

<sup>42</sup> Van Haute, 2002

desconstrução da perversão está intimamente ligada à identificação da sexualidade a experiências corporais agradáveis e não-funcionais. Certamente, a perversão sexual concerne a experiências que podem ser um pouco incomuns para se divertir, mas não há nenhuma razão intrínseca para preferir uma forma de prazer em vez de outra<sup>43</sup>.

A estrutura perversa, por outro lado, caracteriza uma relação específica com a lei e a ordem da legalidade como tal. Indicamos a ambiguidade insolúvel que resulta disso. Por um lado, as aberrações sexuais aparecem em todas as estruturas e não são consideradas intrinsecamente repreensíveis; enquanto que, por outro lado, essas mesmas perversões mantêm um significado paradigmático para a compreensão da lógica perversa. A perversão é novamente ligada estruturalmente ao mal. E o perverso (sexual) torna-se inerentemente perigoso e ruim.

A perversão lacaniana parece assim inscrever-se em um universo que difere fundamentalmente da perversão freudiana. Devemos, para bem compreendê-la, ressituar a teoria lacaniana da perversão, tanto em relação à tradição freudiana propriamente dita, quanto à tradição psiquiátrica francesa? Ou, para formulá-lo mais precisamente (e mais brutal): Lacan seria um aluno de Ernest Dupré ao invés de Krafft-Ebing (e, portanto, de Freud)? Dupré exerceu uma influência hegemônica na psiquiatria francesa sobre este assunto, pelo menos, até a década de 1960<sup>44</sup>. Não podemos, neste texto, examinar detalhadamente a relação entre Lacan (a ideia de uma estrutura perversa) e Dupré. Apesar de suas diferenças significativas, existem entre eles algumas semelhanças muito preocupantes. É verdade que Dupré dessexualiza a perversão ainda mais radicalmente que Lacan. Ele não considera as perversões sexuais como paradigma das perversões em geral. Elas são para ele como uma espécie entre outras (perversões do instinto de conservação e do instinto de associação<sup>45</sup>). Ele também postula a existência de uma constituição inata perversa, que é, em última análise, nada mais do que uma tendência para fazer o mal (ou a preferir o mal ao bem)<sup>46</sup>. Embora seja evidente que a estrutura não é uma constituição no sentido biológico prevalecente em Dupré, perguntamo-nos se mesmo assim ela não é de alguma forma a imagem em espelho. Certamente, a estrutura perversa não é inata na direção da biologia defendida por Dupré, mas sua gênese remonta tão alto que tende a sair do tempo<sup>47</sup>. De repente torna-se imutável e inalterável (incurável), assim como a constituição. Além disso, a estrutura perversa – assim como a constituição perversa, por razões diferentes – é explicitamente vinculada à

---

<sup>43</sup> Davidson 2005, 303-325

<sup>44</sup> Mazaleigue 2014; Lantéri-Laura, 129-137

<sup>45</sup> Dupré 1925, 367 et *passim*

<sup>46</sup> Dupré 1925, 419; Lantéri-Laura 2012, 133

<sup>47</sup> Lantéri-Laura 2012, 167

problemática da psicopatia e, portanto, do mal. Segue-se que a estrutura perversa transcende essencialmente a sexualidade, mesmo sendo ela ao mesmo tempo intrinsecamente vinculada pelas razões que explicamos. Precisar um pouco mais a hipótese que acabo de formular ainda exigiria um importante trabalho de reflexão, mas a conclusão do Lanteri-Laura já não pode surpreender: “... A noção de estrutura perversa... (assegura), quarenta anos depois E. Dupré, exatamente o mesmo ofício que aquele de constituição, além de restituir um neo-moralismo”<sup>48</sup>.

### **Bibliografia:**

- Davidson, A. 2005. *L'émergence de la sexualité: épistémologie historique et formation des concepts*, Paris, Albin Michel.
- Dean, T. 2000. *Beyond Sexuality*, Chicago and London, University of Chicago press.
- Dean, T. 2008. “The frozen Countenance of Perversions”, dans *Parallax* 14(2), 93-114.
- Dean, T.; Lane, C. 2001. *Homosexuality and Psychoanalysis*, Chicago and London, University of Chicago press.
- Dor, J. 1987. *Structure et perversion*, Paris, Denoël.
- Dupré, E. (1925). *Les perversions instinctives*, dans *Pathologie de l'imagination et de l'émotivité*, Paris, Payot, 355-428.
- Feher, J. 2004. *A Lacanian Approach to the Problem of perversion*, dans Rabaté, J.-M., *The Cambridge Companion to Lacan*, Cambridge, Cambridge University Press, 191-207.
- Fink, B. 1997. *Clinical Introduction to Lacanian Psychoanalysis: Theory and Technique*, Massachusetts, Harvard University Press.
- Foucault, M. 1976. *Histoire de la sexualité 1: La volonté de savoir*, Paris, Seuil.
- Freud, S. 1905. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, Leipzig / Wien, Deuticke.
- Freud, S. (1905d). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, dans *Oeuvres Complètes VI*, Paris, PUF, 59-182.
- Freud, S. (1923 e). *L'organisation génitale infantile*, dans *Œuvres Complètes XVI*, Paris, PUF, 303-310.
- Freud, S. (1927e). *Le fétichisme*, dans *Oeuvres Complètes XVI*, Paris, PUF, 123-132.
- Freud, S. (1940e). *Le clivage du moi dans le processus de la défense*, dans *Oeuvres Complètes XX*, Paris, PUF, 219-224.
- Hacking, I. 2004. *Making Up People*, dans *Historical Ontology*. Cambridge (Ma)/London, Harvard University Press, 99-114.
- Krafft-Ebing, R. 1886. *Psychopathia Sexualis*, München, Matthes & Seitz Verlag (1997).
- Lacan, J. 1966. *Ecrits*, Paris, Seuil.
- Lacan, J. 2004. *L'angoisse*, Paris, Seuil.

---

<sup>48</sup> Lanteri-Laura 2012, 185

- Lebrun, J.P. 2007. La perversion originaire, Paris, Payot.
- Mazaleigue, J. 2014. Les déséquilibres de l'amour. La genèse du concept de perversion sexuelle, de la révolution française à Freud, Paris, Ithaque.
- Miller, J.-A. 1996. 'On Perversion', dans Feldstein, R., Fink, B.; Jaanus, M. Reading Seminars I and II: Lacan's Return to Freud, Albany (NY), State University of New York Press, XX.
- Nunberg, H.; Federn, E. 1979, Protokolle der Wiener Psychoanalytischen Vereinigung, Bd. 3, 1910-1911, Frankfurt a. M.
- Roudinesco, E. 2002. Psychanalyse et homosexualité: réflexions sur le désir pervers, l'injure et la fonction paternelle, dans Cliniques méditerranéennes, 65, 7-35.
- Schotte, J. 1990. Szondi avec Freud: sur la voie d'une psychoanalyse pulsionnelle, Bruxelles, Editions De Boeck.
- Tort, M. 2005. Fin du dogme paternel, Paris, Aubier.
- Van Haute, Ph. 2002. The introduction of the Oedipus complex and the Re-invention of Instinct, dans Radical Philosophy, 115, 7-15.
- Van Haute, Ph.; Westerink, H. (2015). Hysterie, Sexualität und Psychiatrie. Eine Relektüre der ersten Ausgabe der *Drei Verhandlungen zur Sexualtheorie*, dans Van Haute, Ph.; Huber.C.; Westerink, H. Sigmund Freud. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. Vienna, V&R Academic. 8-56.
- Verhaeghe, P. 2001. Perversion II: The Perverse Structure, dans The Letter, 23, 77-95.
- Verhaeghe, P. 2004. On Being Normal and other Disorders. A Manuel for Clinical Diagnostics, New York, Other Press.
- Willemsen, J.; Verhaeghe, P. 2010. When Psychoanalysis meets Law and Evil. dans Hirvonen, A.; Porttikivi, J. Law and evil: Philosophy, politics, psychoanalysis, Abingdon/New York: Routledge, 237-259.